

ANÁLISE ESTRUTURAL DA DEFORMAÇÃO DÚCTIL NA REGIÃO DE RIO CLARO-RJ: DADOS PRELIMINARES

Luiz Eduardo Corrêa da Silva¹ *e Alan W.A. Miranda¹

1- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ);

email: eduardo_correa2@hotmail.com.

A área de estudo está localizada dentro dos limites do município de Rio Claro, região sudoeste do Estado do Rio de Janeiro. Este trabalho apresenta novos dados sobre a deformação dúctil da região com base em afloramentos localizados na referida cidade. As rochas da área de estudo estão inseridas no contexto do sistema orogênico da Província Mantiqueira, especificamente no segmento central da Faixa Ribeira, no Terreno Ocidental com rochas metassedimentares neoproterozóicas, sendo então, interpretadas como a porção distal da margem passiva do Cráton São Francisco, denominada Megassequência Andrelândia (HEILBRON *et al.*, 2004, 2007). Os trabalhos de campo permitiram o reconhecimento e caracterização de diferentes litotipos intercalados, quais sejam: rochas calcissilicáticas, quartzitos carbonáticos e quartzitos micáceos. No âmbito da geologia estrutural, três fases de deformação dúcteis foram identificadas, sendo assim denominadas: D₁, D₂ e D₃. A fase D₁ é marcada por uma foliação (S₁) observada preferencialmente nas charneiras de dobras (F₂), geradas na segunda fase de deformação (D₂). Nessa fase (D₂), as dobras são assimétricas, com perfis apertados a isoclinais e com uma foliação incipiente paralela à superfície axial, denominada neste trabalho de S₂. Nos flancos de F₂ é comum a visualização da foliação S₁ concordante com S₂. A fase D₃ é responsável pela modificação da geometria original das estruturas geradas em D₂, caracterizada pelo desenvolvimento de dobras assimétricas de perfis fechados a abertos, com eixo de caimento suave para NE a ENE e comprimento de onda de ordem centimétrica a decimétrica, na escala de afloramento. Em determinados locais, as dobras F₃ possuem eixo com caimento para SW a WSW, relacionados à geometria acilíndrica dessas estruturas. Embora fases de deformação tardias na área estudada não possam ser descartadas. Essas dobras são parasíticas de um dobramento maior, observado em mapas regionais. Uma foliação incipiente (S₃) é identificada paralela à superfície axial de F₃. A transposição da foliação S₂ é melhor observada próximo a locais com rompimento de flancos de dobras F₃, com amplo desenvolvimento da estrutura planar S₃. Lineações de estiramento mineral (L₃) paralelas ao eixo de dobras são frequentes na área, possivelmente geradas por formação de dobras em cortina ou oblíquas. A relação de interferência entre as fases D₂ e D₃ proporcionam padrões de dobramento compatíveis com o tipo 3 (dobras em laço). A deformação dúctil analisada na área de estudo tem similaridades com outras porções da Faixa Ribeira. No entanto, o paralelismo entre lineações de estiramento e eixo de dobras parecem caracterizar exemplos mais robustos de dobras oblíquas com implicações para o transporte tectônico associado à fase D₃ regional.

Referências bibliográficas: HEILBRON, M. *et al.* A Província Mantiqueira. In: MANTESSO-NETO, B.; CARNEIRO, C. D. R.; BRITO-NEVES (Eds.). *Geologia do Continente Sul-Americano: evolução da obra de Fernando Flávio Marques de Almeida*. São Paulo: p. 203-234, Beca, 2004.